

Espaços de participação no Jornalismo Online

Spaces of participation in online journalism

Pedro BENEVIDES*

Resumo

O livro de Natalia Anselmino analisa as edições online dos jornais de referência Clarín e La Nación, que estão entre os sites mais visitados da Argentina. São estudados os espaços de intervenção e participação de leitores, assim como milhares de comentários de leitores.

Palavras-chave

Jornais; Argentina; Participação; Jornalismo online.

Abstract

Natalia Anselmino's book analyzes the online editions of Clarín and La Nación, which are among the most visited sites in Argentina. The spaces of intervention and participation of readers are studied, as well as thousands of comments from readers.

Keywords

Pappers; Argentina; Participation; Online journalism.

PAUTA LIVRE

ANSELMINO, Natalia Raimondo. **La prensa online y su público**: un estudio de los espacios de intervención y participación del lector en Clarín y La Nación. Buenos Aires: Teseo, 2012, 342 p.



*Pedro Benevides

JORNALISTA. Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (2006). Pós-doutorado pela mesma Universidade (2014). Mestre em Comunicação pela Universidade de Brasília (2001). Desenvolve pesquisa nas áreas de jornalismo regional, midiatização e jornalismo digital. Colaborador na publicação *Mídia, Tecnologia e Linguagens Jornalísticas* (2014).

RECEBIDO EM 03 DE NOVEMBRO DE 2014
ACEITO EM 09 DE DEZEMBRO DE 2014

O estudo de Anselmino apresenta um caminho de construção de objeto de pesquisa que parte da preocupação com “el vínculo entre diario y lector en los periódicos online” (19). O corpus é construído a partir das edições online dos jornais de referência Clarín e La Nación, que estão entre os sites mais visitados da Argentina (120). Com estes jornais, a autora monta seu corpus com espaços de atividade de leitores e com os comentários destes.

A análise daquele “vínculo” ganha teor problemático, uma vez que se encontra uma “articulación conflituosa entre la gramática de producción del discurso que propone el medio y ciertas gramáticas de reconocimiento presentes en los discursos de los lectores que se materializan en el espacio de los comentarios” (124). Assim, ao pensar o laço que une jornais online e público, emerge outro grau de elaboração, no qual os conflitos assumem destaque.

A construção competente de corpus e a amplitude de observação baseada nele são contribuições pertinentes oferecidas pelo livro de Natalia Anselmino, que elabora as descrições necessárias para se alcançar possíveis reflexões. O corpus é organizado em dois grupos: os espaços ou setores que concretizam a atividade do leitor no jornal online; e os comentários dos leitores nestes espaços.

No primeiro grupo, temos a descrição de redesenhos dos sites de 1996 a 2011, detalhando surgimento, modificação, retirada e retorno de cada espaço de intervenção e participação, assim como a qualidade geral desses setores de atividade do leitor. Por redesenho, a autora compreende a alteração sustancial da diagramação dos sites, interferindo na organização topográfica e taxonômica (121). A autora define “espaços” como setores nos quais se encontram atividades visíveis e manifestas do leitor, de modo que o corpus não engloba ações que não deixam rastro no site, como as possibilidades de customização (118-119). Nos termos da autora, espaços são “todas las instancias de un diario online en donde se cristaliza, materializa o manifiesta la actividad del lector – cartas de

lectores, foros, rankings de notas más leídas, encuestas, comentarios, blogs, etc.” (19-20).

Vemos então que os espaços são classificados pela autora em duas categorias: há espaços de participação e de intervenção. Os espaços de intervenção do leitor são aqueles penetrados por ação que não seja produção de texto e que deixe uma huella no site – como rankings, enquetes, votações, registro de abuso e lista de leituras relacionadas. Os espaços de participação do leitor se distinguem por conterem texto escrito pelo leitor – como cartas de leitores, fóruns de discussão, blogs, comentários de notícias, redes sociais, entrevistas online, páginas do chamado jornalismo cidadão, perfis de usuários etc.

Este nível de apreensão envolve uma dificuldade metodológica importante: “Sorprendentemente, los diarios digitales estudiados no cuentan con un archivo sistemático de todos sus rediseños –en muchos casos, no disponen de las fechas precisas en que ellos se produjeron ni han almacenado los diferentes ejemplares de las portadas–, por lo que se debió llevar adelante un arduo trabajo de reconstrucción y recopilación” (121).

A solução encontrada pela autora envolveu a consulta de exemplares armazenados na base de dados de web.archive.org e o registro da própria autora desde 2007. Complementarmente, ela estuda um encarte especial de comemoração de La Nación pelos quinze anos de seu site, e estudos de Rost e García sobre o Clarín online (122). Por fim, entrevistas com um editor do site de Clarín e um coordenador de comunidade virtuales de La Nación Digital (123-124).

O segundo grupo que compõe o corpus traz 3.578 comentários postados em La Nación ligados a doze notícias que tratam do próprio jornal online de 2007 a 2010; e 4.308 comentários ligados a 253 notas publicadas de 2008 a 2010 no blog “Novedades”, gerido pelo Clarín Blogs. A escolha dos espaços tem lastro nas prioridades dos próprios jornais: La Nación investe nos comentários de leitores às notícias, e o Clarín se dedica especialmente aos blogs (124-126).

No balanço de espaços, táticas e objetivos, a observação detida sobre as diversas alterações no site dos jornais permite à autora formular o que seriam objetivos comuns e táticas distintas. Os dois jornais buscam construir um “nexo comunitario, con el objetivo de que la audiencia se

identifique con ellos –más allá del perfil editorial–, intentando crear experiencias que excedan el consumo de noticias e información” (306; cf. también p. 26). Assim, se mantém a noção de contrato de leitura como aquele que visa sustentar no tempo o vínculo com leitores e otimizar o contato com eles (127).

Ao mesmo tempo, distinguem-se os instrumentos para moldar aquele nexos: La Nación usa ações cross-media para fidelizar o leitor, ao passo que Clarín utiliza sobretudo blogs para seguir os deslocamentos de seu público, oferecendo seus espaços como uma série de serviços e produtos informativos, participativos e de entretenimento (26; 300-301). Segundo Anselmino, La Nación lança seu site em dezembro de 1995 sem espaços de participação e intervenção, ao passo que o Clarín já os apresenta desde o começo, em março de 1996, quando inaugura seu veículo online. Aquele jornal abre suas instâncias de atividade do leitor com espaços de participação e, apenas depois, de intervenção, enquanto que o Clarín já cria ambos desde a primeira versão.

Em La Nación, são criados em 1997 espaços de participação como “Usted opina” para recolher comentários e “La foto que habla por usted...” para imagens. Em 1998, dois novos espaços são criados: cartas de leitores online e “Diálogo semanal con los lectores”, com comentários de leitores e resposta de um jornalista. Aqui, haveria abertura para que o leitor ajude a aperfeiçoar o jornal. Em 1999, começam enquetes, o primeiro espaço de La Nación considerado pela autora como intervenção (129-134).

Em 1996 e 1997, o site do Clarín já possui dois espaços de intervenção (enquetes e a seção Conferências, entrevistas online via chat) e um de participação, as cartas de leitores (159). Em 1999, dois anos antes que La Nación, o Clarín lança fóruns de discussão, divididos em áreas temáticas e “muchas veces generados a partir de una nota del diario” (162).

La Nación apresenta sua primeira iniciativa contundente em termos de participação com o redesenho de 2001, com a seção Participación e dá um “salto cuantitativo y cualitativo” em 2007, quando abre todas as suas notícias a comentários de leitores. Nesse momento, um projeto cross-media se concretiza com a criação da Equipe Comunidade, responsável pela gestão da participação do público. É assim que os comentários de leitores se tornam parte da marca de La Nación em termos de

participação. Em 2011, a seção Participación se incorpora a “Opini3n”, central em La Naci3n (299-300).

Em 2008 a linha do Clar3n se consolida quando abre pr3pria plataforma de blogging, incitando leitores a criarem seus pr3prios blogs, alguns dos quais s3o destacados na home. Quantos aos coment3rios de leitores 3s not3cias, o Clar3n os restringe a poucas notas di3rias (300-301).

A inclina33o espec3fica do Clar3n online de se deslocar de acordo com o caminho do p3blico cria um v3nculo “m3s experimental, improvisado e inest3vel que lo dispuesto por La Naci3n” (302).

Delineados os espa3os, t3ticas e objetivos, o livro permite uma avalia33o mais abrangente destes procedimentos e de suas consequ3ncias em termos de constru33o de v3nculo com o leitor. A autora n3o tem d3vida sobre a perman3ncia da divis3o entre os conte3dos produzidos em reda333es e os introduzidos pelo p3blico (128-129), como explica o pr3prio site de La Naci3n: “Trabajando en conjunto, los periodistas del medio aportan una mirada profesional en tanto que los lectores contribuyen con diferentes puntos de vista sobre el tema” (Tutorial apud 189).

Os jornais online oferecem “herramientas para una participaci3n encauzada” (190) que, embora incentivem e acolham o fluxo comunicativo, geram de modo arbitr3rio os espa3os e seus par3metros de sele33o (306). “Recordemos, por ejemplo, que en enero de 2008 La Naci3n puso en l3nea el sitio “Soy Corresponsal”. No obstante, solo en contadas ocasiones se permiti3o una m3nima imbricaci3n entre el contenido que se publicaba en esta secci3n y el resto de la informaci3n period3stica del diario” (190).

Sentindo a perda de uma rela33o de lealdade do leitor com um ve3culo, no qual se depositava confian3a, as empresas reagem a esta debilita33o do pacto de leitura intergeracional buscando novos argumentos de valoriza33o perante p3blico e anunciantes. O contrato de leitura dos di3rios online possui agora uma instabilidade pr3pria, dada sua constante redefini33o a partir da atividade do leitor (311-313). Em termos gerais, o trabalho de abrir espa3os para as opini3es dos leitores reconhece a voz do leitor em posi33o nova, mas n3o deixa de ser uma estrat3gia de legitima33o que simula interc3mbio visando sua pr3pria reprodu33o (199-200).

O conjunto das operações acionadas pelos jornais online é situada pela autora num quadro ampliado que ela chama de “estratégia corporativa multimedia” (16). Existem assim conjuntos e subconjuntos de objetivos e metas que transitam do âmbito empresarial ao âmbito midiático. Chama a atenção a ausência de objetivos propriamente jornalísticos. Tanto o corpus pesquisado quanto as declarações oficiais do jornais sublinham a atração, contenção, manutenção, fidelização de público e não há maiores preocupações com a busca de avanços significativos em termos de apuração, construção de pauta, elaboração de texto noticioso etc. Os aspectos propriamente jornalísticos ficam nitidamente em segundo plano, o que pode ser uma boa sugestão acerca da qualidade das inovações em jogo.

Por fim, é curioso que, a despeito de todas as operações lançadas pelos diários e das diferenças entre veículos online e impressos, surja uma notável continuidade em termos de construção de contrato: o jornal La Nación online “continúa intentando posicionarse como ‘tribuna de doctrina’ ” (300), perfil definido a partir de seu par impresso. Do mesmo modo, a opção do Clarín pelos blogs se afina com a prioridade que o impresso dá aos serviços (302). Todas as inovações e pioneirismos alegados pelos jornais se enquadra em linhas editoriais e comerciais definidas anteriormente a partir dos jornais impressos.